

## A CONSTITUIÇÃO DA EPISTEME PSICANALÍTICA: *BRICOLAGE, ANTROPOFAGIA E SUBVERSÃO*

**Lia Martins**

Centro Universitário Fametro – Unifametro  
liabmartins@live.com

**Título da Sessão Temática:** Processo de Cuidar

**Evento:** VII Encontro de Monitoria e Iniciação Científica

### RESUMO

A indeterminação que marca o status epistêmico da psicanálise, desde sua origem até a atualidade, tem sido fonte de constantes pressões por parte de setores biomédicos, que veem a cientificidade, concebida a partir de um paradigma positivista calcado nas ciências naturais ou experimentais, como condição necessária e suficiente para sua validação enquanto saber. A articulação entre a psicanálise e o discurso científico, questão que ganha explícita centralidade com Lacan, é o cerne da proposta deste trabalho – partindo de um delineamento da concepção de ciência vigente à época de Freud, o presente estudo investiga a ruptura representada pela tomada do inconsciente por objeto e, com base em pesquisa bibliográfica, busca compreender o método adotado por Lacan em sua aproximação, apropriação e, sobretudo, subversão de conceitos oriundos de campos do conhecimento outros, tais como a linguística, a antropologia estrutural, a filosofia e a lógica matemática. Tal método, que se demonstra análogo ao *bricolage* da reflexão mitopoética descrita por Lévi-Strauss, resulta na constituição de uma episteme singular, a partir de uma postura que, remetendo à proposta do movimento artístico-literário emblemático do modernismo brasileiro, argumenta-se aqui poder qualificar de *antropofágica*.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Epistemologia. Freud. Lacan. Antropofagia.

### INTRODUÇÃO

Tendo iniciado seu percurso na psicanálise cerca de 40 anos após as publicações inaugurais do campo, Jacques Lacan foi considerado por muitos ainda em vida – e é reputado até o presente – como o mais destacado intérprete da teoria freudiana (ROUDINESCO; PLON, 1998), da qual foi, sob certa perspectiva, reinventor. Constituída a partir da descoberta do inconsciente, a psicanálise revela-se, já em Freud, como indissociável da linguagem – sendo mesmo chamada por sua paciente zero, Anna O., de *talking cure* [cura pela fala] (FREUD, 2016). Seu método volta-se em síntese à investigação das formações do

inconsciente – lapsos, atos falhos, chistes, sonhos e sintomas –, que se caracterizam como irrupções involuntárias no discurso do sujeito que demarcam um desejo que ele desconhece e que o ultrapassa, obedecendo a processos lógicos internos à linguagem (REUILLARD, 2011).

Devido a fatores culturais, contingências políticas e interpretações diversas por parte dos analistas de segunda e terceira gerações, o movimento psicanalítico, já então difundido para muito além de Viena e do Velho Continente, conheceu desenvolvimentos que o conduziram a direções incompatíveis com o caráter original da invenção freudiana. Nos Estados Unidos, em especial, prosperou uma orientação com ênfase no controle das funções egoicas, a partir de uma abordagem adaptativa, eliminando-se o inconsciente e a dimensão histórico-discursiva do sujeito (CESAROTTO; LEITE, 2010; ROUDINESCO; PLON, 1998) – a chamada “psicologia do ego”.

Na avaliação de Lacan (2008, p. 30-31), a dimensão do inconsciente “*estava esquecida*, como Freud havia previsto perfeitamente bem. O inconsciente se havia refeito sobre sua mensagem graças aos cuidados desses ativos ortopedutas em que se tornaram os analistas da segunda e da terceira geração, que se dedicaram, no que psicologizando a teoria psicanalítica, a suturar essa hiância”. Assim, desde seus primeiros momentos, as contribuições feitas por Lacan à psicanálise colocam-se em posição antagônica a tal leitura, buscando superar a tendência biologizante então hegemônica por meio do recurso à filosofia e a outros campos do conhecimento com vistas à construção de um aparato conceitual capaz de conferir à psicanálise uma robustez epistêmica tal que lhe permitisse a possibilidade de constituir-se como uma ciência, “uma esperança de ciência” (LACAN, 2008, p. 27) independente.

A pesquisa ora apresentada visa a uma caracterização das perspectivas teóricas de Lacan, detendo-se em seu movimento de “retorno a Freud” em busca de compreender as nuances políticas e epistêmicas de sua leitura particular da obra freudiana, estruturada em íntima interlocução com outros saberes. Para tanto, faz-se necessário examinar a constituição da episteme em que se inscreve a psicanálise e, em especial, a psicanálise lacaniana, delineada a partir dessas aproximações e convergências com outros campos do conhecimento. O deslindamento de tal episteme, que é aqui caracterizada como antropofágica, dá ensejo ao esboço de uma espécie de “discurso do método” – talvez igualmente antropofágico – a partir das noções de *bricolage* (LÉVI-STRAUSS, 2008) e antropofagia (ANDRADE, 1976).

## **METODOLOGIA**

Em razão de seu objeto e escopo, este estudo epistemológico é desenvolvido fundamentalmente com base em pesquisa bibliográfica, a qual pode ser segmentada, para fins

de explicitação metodológica, em três categorias – que são aqui listadas em uma ordem que não se pretende cronológica, tampouco hierárquica, mas de centralidade em relação ao fenômeno em exame. São assim contemplados: 1) os “inventores” da episteme psicanalítica freudo-lacanian: Freud e Lacan, com ênfase neste último pela perspectiva aqui adotada; 2) estudiosos da psicanálise em seu percurso historiográfico e epistemológico – essenciais à investigação do estado da arte e ao estabelecimento de um referencial teórico consistente; e, por fim, 3) autores originários de outros campos do conhecimento, notadamente a antropologia estrutural e o movimento artístico-literário brasileiro conhecido como antropofagia – pelas ferramentas conceituais e imagéticas que propiciam à descrição do fenômeno.

Parte-se, inicialmente, de uma investigação do contexto sócio-histórico em que se dá a descoberta freudiana, visando em especial compreender as condições então vigentes de produção e difusão do conhecimento. Em seguida, busca-se examinar as identidades e diferenças que essa descoberta apresenta em relação ao paradigma de ciência dominante, isto é, as particularidades e os limites da articulação da psicanálise ao discurso científico, bem como a dimensão do efeito de ruptura causado pela tomada do inconsciente como objeto de um saber, na dependência da linguagem.

Caracterizando brevemente o desenvolvimento dado à psicanálise pelos analistas de segunda e de terceira geração, após a morte de Freud, numa direção que se pode dizer oposta à radicalidade de sua descoberta mas que, contudo, contribuiu para a sobrevivência do campo e mesmo para sua difusão e estabelecimento no panteão acadêmico-científico, a pesquisa chega ao novo momento de ruptura representado por Lacan. A partir de um delineamento das perspectivas que compõem o cenário científico, filosófico e artístico da França do pós-guerra, que servem de horizonte e, por vezes, matéria-prima a suas elaborações, busca-se compreender de que maneira se constrói o novo perfil epistêmico que marca a psicanálise lacaniana e que método norteia suas aproximações, apropriações e subversões de outros campos do conhecimento.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em razão da singularidade de seu objeto, o inconsciente, a psicanálise é desde início marcada por certo “mal-estar na cultura” do discurso científico, no qual Freud se esforça, não obstante, por inscrever sua descoberta e sua pesquisa. Para Alberti e Elia (2008, p. 784),

A Psicanálise, neste sentido, é estritamente derivada do método inaugural da ciência moderna, e se não permanece no campo da ciência, é por operar neste método uma subversão radical, pela qual introduz, na cena (por isso dita *Outra cena*, a do *inconsciente*), precisamente, aquilo que o discurso da ciência, por ser a-semântico, universal e contingente, introduziu mas, no mesmo golpe, expeliu de seu campo operacional: o *sujeito* (e não o *homem*).

Esta espécie de não-lugar epistêmico reservado à psicanálise pela não conformidade entre seu objeto e o paradigma dominante de ciência força-a a buscar novas vias de elaboração de seu saber sobre o sujeito, articulado à linguagem. Por esta razão, Garcia-Roza (2013, p. 22) sustenta que “A psicanálise teria [...] operado uma ruptura com o saber existente e produzido o seu próprio lugar. Epistemologicamente, ela não se encontra em continuidade com saber algum, apesar de arqueologicamente estar ligada a todo um conjunto de saberes sobre o homem, que se formou a partir do século XIX”.

Meio século depois da publicação dos textos fundadores do campo, Lacan defronta-se ainda com a mesma incerteza quanto à cientificidade da psicanálise – que persiste, como marca de nascença, até os tempos atuais. Na França do pós-guerra, todavia, impera uma concepção de ciência já muito menos pautada no modelo fornecido pela anatomofisiologia. Em razão dos avanços da historiografia, da sociologia, da antropologia, da linguística e também das novas possibilidades de consciência abertas pela *démarche* artística e filosófica, para não mencionar o impacto resultante da aceitação e difusão da própria psicanálise, Lacan tem diante de si um horizonte epistêmico muito mais vasto que aquele encontrado à época da invenção freudiana.

Em seu estudo acerca da reflexão mitopoética, Lévi-Strauss (2008, p. 32) caracteriza-a como “uma espécie de *bricolage* intelectual” – o que é alçado por Derrida (2009) ao status de um discurso do método das ciências humanas. “Assim como as unidades constitutivas do mito, cujas combinações possíveis são limitadas pelo fato de serem tomadas de empréstimo à língua, onde já possuem um sentido que restringe sua liberdade de ação, os elementos que o *bricoleur* coleciona e utiliza são ‘pré-limitados’” (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 34) – no caso, por suas relações de oposição aos demais elementos dos respectivos sistemas teóricos de origem.

No esforço de construção de um lugar epistêmico apto a abrigar o inconsciente, Lacan conduz sua pesquisa de forma análoga ao *bricoleur*. Assumindo plenamente o caráter conjectural da psicanálise, aproxima-se de outros saberes com uma postura radicalmente diversa: o que ele visa nesses campos estrangeiros não é mais validação, mas conceitos que, uma vez recortados e adaptados ao objeto da investigação psicanalítica, sejam ferramentas

úteis à produção de discurso sobre ele, contribuindo, paradoxalmente, para o estabelecimento da psicanálise enquanto saber singular e autônomo.

Definindo práxis como “o termo mais amplo para designar uma ação orquestrada pelo homem, seja ela qual for, que lhe dá condições de tratar o real pelo simbólico” (LACAN, 2008, p. 14) – noção que se aproxima do sentido que neste trabalho se pretende evocar pelo termo *saber* ou pela expressão *campo do conhecimento* –, Lacan (2008, p. 14) declara não procurar sua psicanálise nos vários campos da práxis, mas preferir levá-la consigo “e, imediatamente, ela nos dirige para pontos bastante localizados, denomináveis, da práxis”. Aludindo diretamente ao tensionamento epistêmico que introduz a partir de seus acréscimos à teoria psicanalítica, ele explicita suas razões: cingir numa formulação teórica profícua o que em Freud é indicação enigmática, inexplicada, para, enfim, ser capaz de avançar na direção da certeza da descoberta freudiana (LACAN, 2008) – esta que é, a um tempo, a meta e o critério de seu proceder epistêmico antropofágico.

O termo *antropofagia* faz referência ao movimento artístico fundado a partir do manifesto oswaldiano de 1928 (ANDRADE, 1976), e é invocado aqui em razão de sua potência metafórica para a descrição do objeto em exame, isto é, a constituição da episteme da psicanálise lacaniana. No seio do modernismo, a antropofagia reivindica uma “deglutição” da cultura estrangeira – sobretudo europeia – e ao mesmo tempo um resgate de elementos culturais africanos e ameríndios, afirmando a partir desse caldo uma arte brasileira própria e autônoma, capaz de constituir-se como manifestação livre da autenticidade de um país de contrastes. Conforme Facchinetti (2002, p. 93), tratava-se de

uma consciência estética crítica que romperia com a história nacional tornada oficial e buscaria sua reformulação de modo a incluir o que vinha sendo excluído desde o século XIX [...], tornando possível ao pensamento sobre a cultura dialetizar com o Outro europeu, numa apropriação feita a partir de seus próprios significados, estabelecendo identidades e diferenças.

Um movimento, pode-se notar, bastante análogo àquele que Lacan empreende em seu “retorno a Freud” – hipótese de leitura que se apoia também no perfil dialético que Antonio Candido (2006, p. 126) traça do modernismo: “É uma retomada, porém, que aparece sobretudo como ruptura, e realmente o é”. A antropofagia, momento mais denso da estética modernista, é caracterizada como “Um veemente desrecalque, por meio do qual as componentes cuidadosamente abafadas, ou laboriosamente deformadas [...] pela ideologia tradicional, foram trazidas à tona da consciência artística” (CANDIDO, 2006, p. 172) – uma descrição que, ademais de refletir a influência da psicanálise no movimento, espelha o esforço

lacaniano de resgate do conceito de inconsciente e de restituição do lugar da fala e da linguagem na práxis analítica.

Dessa forma, a antropofagia serve aqui não apenas a uma representação heurística da maneira como Lacan se aproxima de saberes estrangeiros à psicanálise, tomando de empréstimo conceitos para, ressignificando-os, articulá-los em uma perspectiva teórica original; a antropofagia também espelha seu movimento de *retomada* – da letra freudiana – pela via da *ruptura* – com a tendência egocentrada, biologizante e normativa manifesta pela tradição dominante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigando o estatuto dos discursos das ciências humanas ou conjecturais no jogo das significações, Derrida (2009, p. 420) sustenta que uma passagem para além da filosofia – ou, como ele não diz, uma superação dialética da filosofia – consistiria em “continuar a ler *de uma certa maneira* os filósofos”. É disso que se trata no *bricolage* de Lévi-Strauss, e também, em grande medida, na psicanálise lacaniana. É essa atitude que sustenta sua apropriação subversiva de conceitos da linguística de Saussure, da filosofia de Hegel, da lógica matemática de Frege, bem como da própria antropologia estrutural de Lévi-Strauss, com vistas a enriquecer uma psicanálise freudiana revisitada – a partir de uma perspectiva que não deixa de ser, ela mesma, subversiva. O “retorno a Freud” proposto por Lacan é afinal um convite a continuar a ler *de uma certa maneira* – e com novas ferramentas – os textos freudianos.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Sonia; ELIA, Luciano. Psicanálise e ciência: o encontro dos discursos. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 8, n. 3, p. 779-802, set. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v8n3/10.pdf>. Acesso em: 18 set. 2019.

ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. *In*: TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro**: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 1-6. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2019.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CESAROTTO, Oscar; LEITE, Márcio Peter de Souza. **Jacques Lacan**: uma biografia intelectual. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2010.

DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. *In*: DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Tradução: Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes, Pérola de Carvalho. 4. ed., 2. reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 407-226.

FACCHINETTI, Cristiana. Histórias da digestão do discurso psicanalítico no Brasil – saúde mental e cultura. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 92-96, 2002. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/7771/5619>. Acesso em: 27 ago. 2019.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 2**: Estudos sobre a histeria (1893-1895) em coautoria com Josef Breuer. Tradução: Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 2. ed., 24. reimpr. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: M.D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A ciência do concreto. *In*: LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Tradução: Tânia Pellegrini. 8. ed. Campinas: Papirus, 2008. p. 15-49.

REUILLARD, Patricia Chittoni Ramos. A tradução dos seminários de Jacques Lacan. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 50.2, p. 393-411, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v50n2/10.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2019.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução: Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.